

# A D E F E S A

Orgão Informativo da Diocese de Propria

Registrado no livro 7, folhas 121, nº 255, a 08/10/1941 Cartório do 10º Ofício de Registro de Títulos e Documentos, em Aracaju — Se.

Diretor Responsável: D. José Brandão de Castro — Redação: Av. Pedro Abreu de Lima 482 — Propria, Se.

Tiragem: 1.000 exemplares — Distribuição gratuita entre os colaboradores

3a. FASE - Nº 663 - PROPRIA - SÉRGIPE - MARÇO DE 1981

## MENSAGEM DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II

### QUARESMA de 1981



Tempo de verdade que, como o bom Samaritano, nos faz parar no caminho, reconhecer o nosso irmão e pôr o nosso tempo e os nossos bens ao seu serviço, numa partilha quotidiana. O bom Samaritano é a Igreja! O bom Samaritano é cada um de nós! Por vocação! Por dever! E o bom Samaritano vive a caridade.

São Paulo diz: «Somos embaixadores ao serviço de Cristo» (2 Cor 5,20) Está nisto a nossa responsabilidade! Nós somos enviados ao encontro dos outros, ao encontro dos nossos irmãos. Correspondamos generosamente a esta confiança que Cristo depositou em nós.

Sim, a Quaresma é um tempo de verdade! Examinemo-nos com sinceridade, franqueza e simplicidade! Os nossos irmãos estão ao nosso lado, na pessoa dos pobres, dos doentes, dos «marginalizados» e dos velhinhos. A que ponto estamos com o nosso amor? E com a nossa verdade?

Por ocasião da Quaresma, por toda a parte — nas vossas dioceses, nas vossas paróquias, nas vossas comunidades — vai ser feito um apelo a esta Verdade que está em vós e à Caridade que há-de ser a sua comprovação.

Procurai, pois, abrir o vosso entendimento para reparar bem à vossa volta, abrir o vosso coração para compreender e vos compadecer, abrir as vossas mãos para socorrer. As necessidades são enormes, vós bem o sabeis; exorto-vos, portanto, a participar com generosidade nesta partilha fraterna; e dou-vos a certeza das minhas orações por vós com a minha Bênção Apostólica.»

«A Quaresma é um tempo de verdade.

O cristão, de fato, chamado pela Igreja à oração à penitência e ao jejum, ao despojamento de si mesmo, interior e exterior, ao pôr-se diante de Deus, reconhece-se e redescobre-se a si próprio.

«Lembra-te homem, de que és pó e ao pó há-de voltar». Lembra-te, homem, de que foste chamado para alguma coisa diferente destes bens terrenos e materiais, que comportam o risco de te afastar daquilo que é essencial. Lembra-te, homem, da tua vocação primária: tu provéns de Deus; e tu volta para Deus caminhando no sentido da Ressurreição, que é a via traçada por Cristo. «Quem não carrega a sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo». (Cerimônia da imposição das cinzas).

Tempo de verdade profunda, que converte, restitui esperança e, levando a repôr tudo no seu lugar, traz serenidade e faz nascer o otimismo.

Tempo que nos leva a refletir sobre as nossas relações com o «nosso Pai», e restabelece a ordem que deve reinar entre irmãos e irmãs; tempo que nos torna corresponsáveis uns em relação aos outros; ele nos desapega dos nossos egoísmos, das nossas pusilanimidades, das nossas mesquinhez e do nosso orgulho; tempo, enfim, que nos esclarece e nos leva a compreender melhor que devemos, à imitação de Cristo, empenhar-nos em servir.

«Dou-vós um mandamento novo; que vos ameis uns aos outros» (Jo.13,34) «É quem é o meu próximo? (Lc. 10,29)



## SAÚDE

## PARA

## TODOS

CAMPAÑA DA FRATERNIDADE  
1981 - CNBB

# A difícil missão de um bispo hoje

Dom José Brandão de Castro era um missionário re-dentorista quando foi designado bispo de Propriá, uma cidade do Sergipe, na divisa com o estado do Alagoas. Há 20 anos que esse mineiro de Rio Espera ficou bispo e está em Propriá.

Ultimamente, Dom José tem enfrentado sérios problemas na região. Chegou a ser ameaçado de morte porque tomou posição ao lado de posseiros na busca de justiça para as questões de terra que chegam a ser agudas em sua diocese, atingindo parte dos seus 250 mil habitantes.

Aqui está a palavra de Dom José Brandão numa entrevista exclusiva para o jornal SANTUÁRIO DE APARECIDA. O leitor pode conhecer os fatos e entender porque um bispo toma certas atitudes pelas quais chega até a ser julgado como agitador ou comunista.



Visitantes vêm de longe trazer conforto aos posseiros

ele era deputado e que houve um engano, e o soltou. No dia seguinte houve uma grande sessão na Assembléia Legislativa, onde, por unanimidade, os deputados condenaram a ação da polícia.

A ida da polícia a Propriá prendeu-se a um objetivo muito concreto: a detenção de cinco lavradores de uma fazenda antiga chamada "Santana dos Frades". Esses lavradores pertencem a um grupo de 74 famílias que entraram já há dois anos na Justiça com um pedido de integração de posse nas terras que eles ocupam desde o século XVI, através de seus antepassados.

A polícia, além de ter feito na estrada o que eu disse antes, percorria, de cima para baixo e de baixo para

cima todas as ruas de Propriá, em vários carros onde se encontravam soldados armados de metralhadoras, revólveres e espingardas. Na parte da tarde os policiais conseguiram prender os cinco lavradores, contra os quais havia uma ordem de prisão preventiva.

Acontece que depois nós verificamos que no mesmo dia a polícia havia prendido o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região. Ele estava preso na cidade vizinha. Mas o povo não se intimidou e a concentração foi realizada. A coisa foi grave, porque os atos da polícia semearam o pânico na cidade. Entretanto, assim mesmo a missa foi realizada. Foi a este episódio que se deu o nome de "O cerco de Propriá".

mesmo dia 17 de agosto, durante a procissão.

Uma "kombi" de elementos ligados à polícia entrou no meio da multidão. Eu me encontrava na procissão, ao lado de Dom Hélder e de Dom Austregésilo. Eujá

estava para ser atropelado, quando Dom Austregésilo gritou com o motorista e fez um estardalhaço muito grande. Aí, a "kombi" parou. Eu sei que o veículo queria atropelar a mim e Dom Hélder.

Atualmente, como está a situação com relação a este fato? Como está Propriá depois disso?

Presos esses seis elementos, os cinco agricultores e mais o presidente do Sindicato, no dia seguinte, segunda-feira, fui a Aracaju para saber do paradeiro deles. Mas não estavam na penitenciária. Fui à Secretaria de Segurança, e lá o delegado que os prendeu disse que eles estavam na penitenciária. Eu afirmo que lá eles não estavam; ele afirmou que estavam... As vozes foram se alterando, e à certa altura eu disse que ele teria de dar conta dos presos, pois os mesmos não se encontravam na penitenciária. Então, ele fez que telefonou para a penitenciária e me disse que de fato eles não estavam lá, e sim na Superintendência. Fui à Superintendência. Eles lá estavam e foi neste local que assinaram os papéis de prisão. Essa é a razão pela qual o delegado não queria mostrar o pessoal, pois no dia anterior eu e Dom Austregésilo fomos à cadeia, e ele pediu para ver a ordem de prisão de cada um. Mas essa ordem ainda não existia, e Dom Austregésilo afirmou que enquanto eles não tivessem ordem de prisão em mãos, seriam apenas pessoas seqüestradas. E naquela segunda-feira, no interior da Superintendência, o delegado pediu que os presos assinassem o papel e, depois que eles assinaram, afirmou: "Bem, meus

amigos, até agora vocês eram apenas seqüestrados pela polícia. De agora em diante é que vocês estão legalmente presos." E aí eles foram levados para a penitenciária.

Por incrível que pareça, o processo contra eles foi colocado o mais possível longe das vistas dos advogados. Estes procuravam o Tribunal e eram informados que o processo estava com o Juiz; este, por sua vez, afirmava que estava com o Promotor; o Promotor dizia que estava na cidade tal... E isto durou mais de quinze dias. O processo ficou rolando de um lado para outro, até que fizemos um apelo à Comissão de Justiça e Paz do Rio de Janeiro. Em consequência disso a coisa andou.

Foi nesta ocasião que ocorreu a votação sobre o novo Estatuto dos Estrangeiros, e de cuja votação muitos deputados se afastaram. Foi também nesta época que apareceram lá em Propriá nove deputados federais, que foram visitar o local do conflito, isto é, a fazenda "Santana dos Frades". Tiveram de caminhar a pé cerca de 12 quilômetros, andando no barro e à noite, e mantiveram um encontro com as outras famílias. Entretanto, somente quase um mês depois foi que se deu a libertação dos seis presos.

Dom José, através de jornais e revistas ficamos sabendo de atritos entre a Igreja e grandes proprietários em Propriá. O que realmente aconteceu?

Olhe, o assunto é muito complicado, mas eu vou partir do que aconteceu no dia 17 de agosto de 1980. Neste dia foi promovida em Propriá uma grande concentração de cristãos de toda a diocese. De todos os municípios ligados à diocese, e que são em número de 25, compareceram representantes. E vieram também seis bispos e arcebispos de vários pontos do Nordeste. A finalidade desta concentração era fazer com que o povo da região se reconhecesse como povo unido, um povo que não deve tremer diante das muitas ameaças que por lá têm acontecido. Entre os bispos e arcebispos presentes estavam Dom Hélder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom Antônio Batista Frago, Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho, Dom Ma-

nuel Edmilson da Cruz e Dom Tiago Postma. Então, eram seis bispos e arcebispos, e comigo sete.

Naquele dia, cerca de 150 policiais de Sergipe foram a Propriá e postaram-se nas três entradas da cidade para impedir que o povo tomasse parte nas comemorações. Mas o povo, sem ter medo da polícia, desceu dos carros, dos caminhões, dos ônibus e caminhou a pé até a cidade, andando em média de dois a três quilômetros. Entretanto, lá na estrada não foi tudo pacífico. Querendo amedrontar o povo, a polícia portava diversos tipos de armas. Um deputado federal interveio para protestar contra o que estava acontecendo, mas foi espancado e algemado. Somente na cadeia, lá na cidade, foi que a polícia reconheceu que de fato



Os posseiros vão contando suas lutas e vitórias aos amigos visitantes

Ficamos sabendo, também, que o senhor foi ameaçado de morte. É verdade? Como se deu esta ameaça? O senhor teve medo?

As ameaças de morte nós podemos caracterizá-las de duas maneiras: as que vêm através de recados ou advertências, e as que são realizadas de modo concreto. Na cidade de Propriá ocorreram as

duas maneiras de ameaças. Propriá ficou durante muito tempo cheia de pessoas estranhas, que rondavam minha casa. Entretanto, a ameaça de morte, digamos concreta, ocorreu no

## D. ALOISIO VÊ UMA VOLTA ÀS FONTES

Fortaleza (CIC) "E até ironia pensar que o 'progressismo' de que tanto se fala com relação a certos bispos é precisamente o que de mais 'conservador' pode existir", afirma, em seu boletim diocesano, o cardeal-arcebispo de Fortaleza, D. Aloisio Lorscheider, acrescentando que isso acontece "porque é um progressismo que volta às fontes, que volta ao original, que volta aquilo que de mais puro e santo existe desde o princípio". Diz depois o cardeal que "com o correr dos anos perde-se um tanto a pureza do tesouro original. Entram as falhas; as imperfeições humanas se fazem sentir; a face da Igreja começa a envelhecer". E propõe uma questão

a que também responde: "O que desejam os assim chamados 'progressistas'? Não querem outra coisa do que a Igreja sem mancha e sem ruga. Querem a Igreja assim como Deus a quis desde o começo, assim como Deus a quer hoje: imagem perfeita do seu Filho Divino que veio reconciliar o Universo com o Pai".

Lugar do povo — Destacando o avanço na consciência da Igreja nas últimas décadas, a serviço — particularmente — da América Latina, D. Aloisio afirma que este "continente cristão está marcado pelas profundas contradições do pecado nas suas mais

íntimas estruturas sociais, econômicas e políticas". E pergunta: "Por que a Igreja diz isto? É para incomodar as pessoas? É para amolar governos? É para se afirmar como julgadora dos povos? Nada disso. A Igreja o faz num espírito de serviço fraterno. Para servir ao bem de todos, ela deseja ardentemente que se reconheçam os direitos fundamentais da pessoa humana e da família e os imperativos do bem comum". "Muitos ainda não chegaram a entender que a Igreja desde 1965 mudou de lugar social". A Igreja faz a leitura da realidade social partindo do outro ângulo. Ela passou do lugar social das elites para o lugar social do povo".



Os posseiros querem a terra para quem trabalha nela

Neste momento, enquanto eu sei, o fato de seu ter ido à Roma apressou um pouco as coisas. Já está sendo

feita a medição do terreno para o pedido de "uso capião", desapropriação, ou coisa semelhante.

As vezes, muitas pessoas, e até padres, acham que as atitudes dos bispos, envolvidos com problemas sócio-econômicos, são avançadas e que isto não seria a função de um bispo. O que o senhor diz a respeito?

Isto é muito interessante, sabe? A gente entende que ainda há pessoas não muito bem informadas, e que consideram assim a nossa atitude. Mas nós achamos que isto é justamente a salvação em concreto. Nós temos que salvar o homem a partir deste mundo. Por isso, a gente lutar em favor dos oprimidos, em favor dos que têm fome, dos que estão sem trabalho e estão sendo injustiçados. É justamente a gente querer salvar o homem todo, como Jesus Cristo. Durante a sua estada na terra, ele deu

a vista aos cegos, fez andar os cochos, ressuscitou os mortos. E o que nós devemos fazer na linha de Cristo é lutar para que esses oprimidos de hoje possam também caminhar em liberdade, para que os cegos que ainda não vêem, tenham o seu direito, e para que aqueles que estão mortos, talvez em seu próprio desespero, tenham coragem para poder lutar, a fim de ser gente e ser tratado como gente. Então, a linha da teologia da libertação é a linha mais evangélica possível. É simplesmente a linha de Jesus Cristo.

Com relação à Igreja do Brasil, o senhor acha que ela está certa em seu modo de atuar, mesmo tendo vários atritos com o Governo?

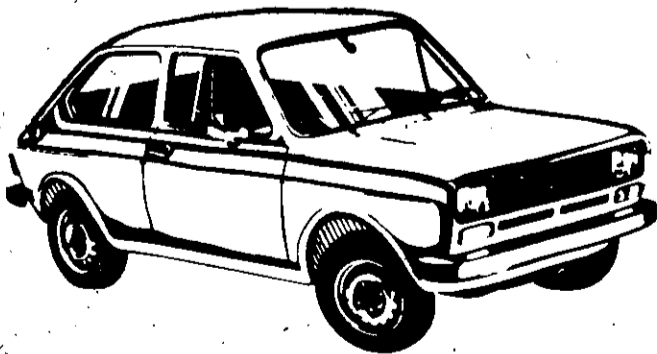
A Igreja está absolutamente certa! Antes de existir o Governo, a Igreja já existia. E nós sabemos que a linha do Governo é uma linha que não se coaduna com o bem-estar do povo. No caso, por exemplo, do padre Vito Miracapillo, a coisa é praticamente até ridícula, porque o que ele declarou de grave foi que o Brasil é um país dependente. Isso é uma coisa que todo mundo sabe; ele não disse nada de novo! É verdade que na história um que declarou a mesma coisa foi depois considerado herói e hoje é venerado por todos nós: o Tiradentes. Ele queria que o Brasil fosse independente, e por isso morreu na forca. Mas essa dependência continua, e não tem sentido a gente querer negar uma verdade tão óbvia, como diz o povo,

"querer tapar o sol com a peneira". Por isso, é certo que a atitude da Igreja pode desgostar o Governo.

Realmente nós ficamos numa situação muito interessante, onde o povo está de um lado e o Governo está de outro, porque o modelo que está montado não leva em conta o povo. E, não levando em conta o povo, é claro que esse povo está do lado de fora, está passando fome, sem trabalho, sem ser considerado. Nesta linha da Igreja se voltar para os pobres e oprimidos, a gente só pode ficar do lado desse povo. Graças a Medellín, graças a Puebla e graças a palavra do Papa, quando visitou o Brasil, nós estamos cada vez mais convencidos de que outra não pode ser a linha da Igreja no Brasil.

A coisa mais importante  
Para você, com certeza,  
É ser leitor, de hoje em diante,  
Deste jornal - "A D E F E S A".

## Posto São José



— COMSERGEL —

COMERCIO E SERV. GERAIS LTDA.

CGC 13.117.221/0001-06 — Inc. Est. 27051719-7

TELEF. 322-1512 — CEP 49900

Av. Dep. Martinho Guimarães, s/n.

GASOLINA - DIESEL - LUBRIFICANTES

PEÇAS E ACESSÓRIOS P/ AUTOMÓVEIS

LAVAGENS - LUBRIFICAÇÕES ETC.

"BATERIAS HELIAR"

PRÓPRIA - SERGIPE



Lá em Santana dos Frades, todos vivem trabalhando! Veja só estas crianças.

O senhor citou o recente caso da expulsão do padre Vito Miracapillo. E, em consequência disso, as relações Igreja/Estado parece que estão em crise. O senhor acha que esta posição da Igreja de um lado e o Governo do outro — e que muitos têm como radicais as posições dos dois — vai ter alguma conclusão? O que poderia ser feito? Há realmente radicalismo nas duas posições?

O radicalismo da Igreja é no sentido de que o Governo tem que se voltar para o povo. Não se voltar de maneira paternalista, mas se voltar fazendo um

programa que realmente absorva o povo e atinja o povo. Enquanto o povo for marginalizado, eu creio que será impossível haver uma conciliação.

Dom José, o que dizer ao católico mais simples, aos leitores do jornal "Santuário de Aparecida", que vêem esses fatos e ficam meio confusos e não sabem o que pensar?

Eu quero dizer aos leitores do jornal "Santuário de Aparecida" que tomem muito cuidado com certas idéias que muitos procuram lançar no meio deles. Por exemplo, dizer que os bispos são comunistas, são marxistas; que os bispos são revolucionários. Na realidade, o que nós queremos é que se cumpra a vontade de Jesus Cristo; que todos os homens sejam tratados como pessoas humanas; que não haja ninguém passando fome... Aliás, é só lembrar as palavras de Cristo, quando ele falou do fim do mundo: "Eu estava enfermo, e você me visitou; eu estava com fome, e você me deu de comer; eu estava nu, e você me vestiu; eu estava preso, e você foi visitar..." Isto quer dizer que, se a linha da Igreja é se voltar assim tão concretamente para o povo, é uma linha profundamente evangélica. E eu diria, aliás, que esta não é uma linha de hoje, é uma linha que sempre existiu e que foi se tornando cada vez mais clara.

No passado, a gente pensava que cumprir essas normas de Cristo era somente ir ao encontro do povo. Por exemplo: estar com fome, simplesmente dar esmola; estar doente, construir hospitais. Mas hoje sabemos que cumprir esta ordem de Cristo é a gente fazer com que o povo se convença de que ele tem direito a tudo isto; esse povo não pode ficar marginalizado; esse povo não pode viver injustiçado. Por isso, eu queria dizer aos leitores do jornal "Santuário de Aparecida" que confiamos nos bispos e na Igreja do Brasil. Todos nós queremos que Cristo seja cada vez mais conhecido e que a vontade de Cristo se cumpra, porque será lamentável se ele tiver de, olhando o Brasil, repetir: "Eu tenho pena deste povo, porque ele me segue e está passando fome!"

## Em Sergipe Bala para Xokó na Estrada do Forno

PORANTIM

Os Xokó da ilha de São Pedro, Sergipe, estão revoltados com a proibição de usarem a estrada mais curta que começa em frente à ilha de São Pedro, onde habitam, que lhes dá acesso às povoações vizinhas, sendo obrigados a longos trajetos pelo rio São Francisco por barcas ou canoinhas.

A responsável pela proibição é a família Brito que ameaça fuzilar qualquer Xokó que aparecer na estrada. Vendo esgotar todos os recursos às autoridades, os Xokó, através de Antonio Santiago Sobrinho, escreveram uma carta solicitando um socorro de todos os brasileiros no sentido de ajudarem a esse povo.

O conflito começou em 1979 quando os Xokó recuperaram a ilha da qual são proprietários, existindo documentação publicada pela Comissão Pró-Índio de São Paulo, que comprova essa propriedade desde o final do século XVII. Nos fins do século passado, o coronel João Brito ocupou pela força as terras dos Xokó, desalojando-os da ilha. Em fins de 1979, os Xokó declararam que só mortos sairiam da ilha S. Pedro. Apesar das terras serem propriedade deles, o governo de Sergipe desapropriou-as em fins de 1979, indenizando a família Brito (à qual pertence o atual prefeito de Propriá) transferindo-as para a União. Até agora, porém não foi ainda regularizada a situação da terra, nem criado um Posto Indígena para atender a população.

PROIBIÇÃO INJUSTA

Desde a desapropriação, em 7.12.1979.

os Brito proibiram os índios (e as populações ribeirinhas por extensão) de circularem pela estrada do Forno, alegando que se trata de estrada particular da fazenda e sugerindo que a estrada pública seria outra, a 3 Km. mais abaixo do rio. Na realidade a estrada do Forno é anterior a própria chegada dos Brito na Fazenda Caicara. Em 1980, os Xokó já recorreram ao Secretário do Governador, ao Juiz da Comarca, ao Prefeito e ao Delegado de Posto do Folha. Todos apoiaram as reivindicações indígenas sem contudo conseguirem a reabertura da estrada. Atualmente, o delegado da 3ª DR está tentando resolver a questão diretamente com o prefeito de Propriá, sem sucesso até agora.

Os Xokó contam no momento com cerca de 40 famílias somando 150 pessoas, praticando na ilha cultura de vazante (algodão e milho) e roças de feijão, macaxeira, abóbora. Com a seca deste ano, só as culturas de vazante produziram. As roças foram pequenas por causa da tensão existente na área: na época do preparo da roça, o povo Xokó estava sob ameaça de pistoleiros.

As mulheres, além de trabalharem nas roças, produzem panelas e fogareiros de barro que vendem por 20 a 40 cruzeiros na Feira de Pão de Açúcar em Alagoas. Além da penúria reinante, os Xokó se queixam da inexistência de escola e de atendimento médico.

Comissão Pró-Índio de São Paulo

## FALA O PAPA

Em virtude do anúncio do Evangelho, quando o homem é espezinhado em sua eminente dignidade, quando se prolonga seu abatimento, a Igreja denuncia. Faz parte de seu serviço profético. Denuncia tudo quanto se opõe ao plano de Deus e impede a realização do homem. Denuncia para defender o homem ferido em seus direitos... Servindo à causa da justiça, a Igreja não pretende provocar ou aprofundar divisões... Pelo contrário, com a força do Evangelho, a Igreja ajuda ver e respeitar em todo homem um irmão...

Carta de Antonio Santiago Sobrinho

PORANTIM

## "Tortura por causa do Branco"

Um grito de socorro e revolta vem da ilha de São Pedro através do povo Xokó. Em nome do Conselho da Tribo, Antonio Santiago Sobrinho retrata a situação de seu povo e protesta contra a proibição de usarem a estrada do Forno pela família Brito. A carta-denúncia é de 2 de fevereiro de 1981:

"Uma carta dos índios Xokó enviada para o Jornal pedindo as autoridades competentes deste País tão grande que pode acabar com miséria contra os Pobre que tanto sofrem por este imenso País e principalmente nós índios que a partir de 1500 que sofrendo tanta tortura por causa do Branco, não será todos, mas de 100 tira um que tem compaixão do índio.

Pelo menos nos Xokó tivemos a infelicidade de encontrar esta família Brito que fez da gente escravo por muito tempo, cachorro de fатеira. Agora mesmo como todo Brasil já sabe que nos ganhámos a questão da ilha de São Pedro, pois foi firmada pela televisão por todo País até pelo estrangeiro veio a televisão de França firmar nossa questão. Graças a Deus estamos mais ou

menos, mas os Brito acharam que nós não tem direito de pisar no nosso solo onde pertence a nós filho da mesma terra. Quando precisar, é nós que vamos derramar nosso sangue pela nossa pátria, nós e ninguém de fora, e porque agora esta Família tranca todas as estradas que a partir de nossos paes e melhor dizendo, de nossos avós que nós conhece elas. Ninguém tem o direito de pisar nem perto pois existe gente paga por esta família para não deixar nenhum Xokó andar pela estrada pois se atravessar será fuzilado na hora, mas nós com isto não vamos tentar, pois existe autoridades para resolver estes problemas difícil então fomos ao Juiz de Direito, nada foi resolvido, fomos ao Prefeito, nada foi resolvido, então nós queremos dizer ao público que ainda existe (no) nosso País Brasileiro esta terra que o próprio brasileiro não tem o direito de pisar, esta terra é o sítio Caicara, município de Porto da Folha, Sergipe, então se houver um socorro por parte das autoridades competentes deste imenso país, os índios Xokó fazem um apelo para este fim".

# Devolver a saúde ao povo



"Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal" (artigo III da Declaração Universal dos Direitos Humanos).

Sabemos que o Brasil destina apenas 4% do seu PIB para o atendimento médico, o que não chega a ser um atendimento à saúde como um direito do povo, mas um atendimento simplesmente à doença que toma conta do povo.

Cuidar da saúde significa preservar e promover saúde, evitando a doença. Mas entre nós a coisa chegou a tal ponto que quando alguém fala em tratar da saúde, entendemos logo que é tratar da doença, pois a saúde já se foi. Somos um povo doente.

Por isso achamos que a Campanha da Fraternidade deste ano deveria se voltar não para a doença, mas para as condições de que o povo precisa ter saúde e viver com ela. Entra então a questão da alimentação, da moradia, o saneamento básico, da educação, do trabalho decente, salário justo, descanso, enfim, participação no poder.



— Queremos conquistar nossa saúde e viver à Imagem e Semelhança de Deus. Não podemos admitir que ela fique só com uma máfia que tem o apoio do governo, mas tem que ser devolvida para o povo, o povo de Deus.



De cada 10 brasileiros, 7 são desnutridos. Cerca de 500 mil crianças morrem por ano de desnutrição. Em São Paulo, de cada 100 pessoas, 52 são desnutridas. Existem 10 milhões de brasileiros com doença de Chagas. A esquistossomose atinge mais de 12 milhões de pessoas, em nosso País. Só em 1979, houve cerca de 4.673 mortes por acidentes de trabalho, o equivalente a 15 mortes por dia.

## SERAGRO

## ATACA

## SANTANA DOS FRADES



28 de fevereiro:

Comunicação da invasão à Secretaria de Segurança Pública pela Dra. Laete, e à imprensa e Televisão. No mesmo dia já saiu a notícia na televisão.

-Ida a Neópolis durante a noite (Jean-Noel, Geraldo, Joelino, Ribeiro) para falar com o delegado regional, que indo a Fazenda Nova, tinha constatado a situação, como normal.

01 de março:

Ida do delegado de Pacatuba a Santana com Nestor, Jean Noel, Ribeiro, Geraldo e Joelino. A conversa com os posseiros e com José Augusto foi gravada. - Essa gravação foi levada ao delegado regional de Neópolis pelo delegado de Pacatuba, acompanhado de Geraldo e Ribeiro. Nesse primeiro dia, os jornais de Aracaju deram a notícia da invasão.

28 de fevereiro:

Comunicação da invasão a Dom José que estava em João Pessoa; à Justiça e Paz do Rio (Marina Bandeira) e a Dom Luciano que estava em São Cristóvão.

01 de março:

Comunicação às comunidades do sertão através de Manoel Oliveira.

02 de março:

Chegada de 7 pessoas do sertão a Santana até o dia 6.

José Augusto foi chamado a Aracaju pela Vieira Sampaio e disse que todos os posseiros, menos dois, aceitavam a SERAGRO.

04 de março:

Mobilização da imprensa e da TV. -Comunicação de Dom José e carta dos posseiros. Comunicação Fetase e a Contag a respeito da derubada da cerca, coqueiros.

05 de março:

A FETASE foi a Santana.

06 de março:

A FETASE fez um relatório da invasão e em Viou para:-

- Secretário de Segurança Pública (Pedro Barreto).
- Governador do Estado
- CONTAG em Brasília
- Secretaria de Justiça e Ação Social
- Assembleia Legislativa
- Secretário dos assuntos do Baixo São Francisco (Narcísio Machado)

Os advogados ( Dra. Laete e Gimarcos) preparam o processo "Queixa crime".

07 de março:

Visita dos advogados na Santana e da CONTAG.

Ida de muitas pessoas na ocasião da Romaria da Santana.

08 de março:

Dom José celebra a missa e passa o dia em Aracaju fazendo contatos com autoridades, deputados, convidando a ir até Santana.

09 de março:

Volta de Dom José com a TV Sergipe a Santana.

Permanência de muitos irmãos da Diocese para dar apoio aos posseiros na Santana.

10 a 13 de março:

Várias visitas de pessoas das comunidades, entre estas o MEB de Propriá, com o Irmão Satiel.

Envio de alimentos da Diocese e de Propriá. Abaixo-assinados ao Governador enviados por jovens, pedindo providências urgentes para os posseiros. De Propriá (635 assinaturas - Glória (300) - Aquidabã (100) - Graco Cardoso - Lourdes - Neópolis - Ilha das Flores - Brejo Grande.

13 de março:

Entrega do processo criminal contra a SERAGRO, na delegacia de Pacatuba: processo assinado pela Dra. Laete e Gimarcos.

A CONTAG entrega o seu relatório no Ministério da Justiça em Brasília.

Pronunciamentos em favor da Santana pelo Senador Gilvan Rocha e pelo Deputado Jackson Barreto em Brasília.

Reunião do Comitê de apoio aos posseiros em Aracaju ( Nestor representando a Diocese)

Mobilização nas escolas de Propriá para alimentos e visitas à Santana.

Encerramento do encontro de todos os sindicatos de Sergipe em São Cristóvão, que contou com a presença da CONTAG.

- Decidiram que cada sindicato vai contribuir com mil cruzeiros para contratar um advogado que vai acompanhar o caso de Santana. Cada sindicato de Sergipe foi convidado a juntar alimentos e fazer uma visita a Santana.

- Escreveram uma nota de apoio aos posseiros e de rejeição à violência da Seragro na invasão.

- Fetase vai abrir uma conta no Banco para recolher ofertas destinadas à Santana. - A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores na Agricultura da Bahia já pediu o Nº da conta para enviar a sua colaboração.

15 de março:

Pe. Cristiano entregou um cesto cheio de mercadoria dizendo: Vem de uma velha que me disse: "Doente como 'tou, não sei mais comer, então tirei 700 contos da minha aposentadoria e mandei fazer uma feira para os irmãos da Santana."

16 de março:

FETASE distribue nota de apoio à Santana, aos jornais.

Envio ao Ministro da Justiça de uma nota denunciando a situação de violência e a omissão das autoridades policiais no caso da Santana. A nota foi assinada por José Paes de Araújo, presidente da FETASE.

- O Número da Conta aberta pela FETASE em favor dos posseiros da SANTANA é o seguinte: 20409/9 BANCO DO BRASIL S/A - ARACAJU.

Várias Entidades de Aracaju, reunidas na FETASE, às 20 horas decidiram lançar uma campanha em benefício dos posseiros. Data marcada para o lançamento 20 de março

18 de março:

"O Estado de S. Paulo" envia a Santana / dos Frades seu representante, José Andrade, para colher " in loco " elementos para uma reportagem.